

## Olhos vermelhos

Chegava a noite e era a mesma choradeira. A mãe da menina não sabia o que fazer para amenizar a situação terrível que se prolongava por noites a fio. Mesmo sabendo que iria apanhar do pai, a menina não calava, como se o choro fosse a maneira mais eficaz que tinha para afastar o medo. O pai era homem rude, de poucas palavras. A mãe, subserviente, vivia calada. Teria medo, ou apenas aquela espécie antiga de respeito que as mulheres devotavam ao pai e, mais tarde, ao marido? Naquela época não tão remota, era difícil separar esses dois sentimentos. Mas a menina ainda não aprendera isso. Pobrezinha, mal sabia falar. Porém, já entendia o significado da palavra medo. Apanhar de cinto, ela não gostava. Doía muito. Mas não tinha medo do pai, nem do cinto. Tinha medo dos olhos vermelhos, que ficavam lhe vigiando a noite inteira, da janela. Deitada ao lado da mãe, escutava-a rezar e acompanhava com o pensamento. Dessa forma, aprendera a salverrainha muito antes de falar. Tudo por causa do medo dos olhos vermelhos.

Quando percebia que a oração terminava e o sono afastava a mãe de sua companhia, o medo aumentava, pois os olhos continuavam a fitá-la. Então ela começava chorar, e se o pai já tivesse chegado em casa, ela certamente acordaria no dia seguinte com a marca do cinto nas pernas.

Havia noites em que os olhos vermelhos não vinham lhe vigiar. Então, a menina dormia na completa escuridão do quarto, apenas ouvindo os roncos do pai, os murmúrios das salverrainhas e avemarias da mãe, além de um ou outro barulho do mato. Nessas noites, ela sonhava que já era gente grande e que não tinha medo de nada. E quando acordava, era a mais disposta a acompanhar a mãe nos afazeres diários. A seu modo, confortavelmente dentro da cestinha de vime, pois ainda não aprendera a caminhar e seria muito difícil equilibrar-se nos terrenos íngremes da colônia.

Os terríveis olhos vermelhos acompanharam a menina, que não tinha medo do cinto e não compreendia a palavra respeito, até o dia em que completou quatro anos. Ou melhor, até a noite. Ela ainda dormia no quarto dos pais. Era a última de uma família de seis filhos, nada numerosa naquele tempo. Entretanto, a casa era pequena e no quarto de seus irmãos não havia sequer espaço para eles. Nessa época, a menina não chorava mais. Aprendera com o tempo que o choro não espantaria o monstro dos olhos vermelhos. Então, passava as noites apenas olhando para eles, respeitosamente, quase que encantada, sem descuidá-los um só minuto. E tendo-os sob controle, descobriu que não eram assim, tão assustadores.

Coincidência ou não, na noite de seu ignorado aniversário, ela levantou-se da cama sem a mãe, que rezava concentrada, perceber. O pai ainda não havia chegado e no quarto dos irmãos o silêncio era total. No escuro, somente eles, os dois olhos vermelhos na janela. Respirou fundo. Estava em frente a eles e nem acreditava. Aproximou-se, devagarzinho, cada vez mais e pôde então perceber que não eram exatamente vermelhos, mas sim, luminosos, muito luminosos. A menina continuou se aproximando e eles, imóveis, pareciam não temer sua presença. Ela lhes dava total razão, pois o que temeria de uma menina como ela, um animal com olhos tão autoritários?

Ergueu as mãozinhas em direção a janela e os olhos continuavam lá, irredutíveis. Num ato extremo de ousadia, tentou tocá-los. Nessa hora, lembrou do cinto do pai, mas prosseguiu. Primeiro o indicador direito, depois o esquerdo. Aproximou o rosto da janela e, finalmente, seus olhinhos reluziram aliviados. A janela de madeira estava fechada e do outro lado, pelas falhas dos nós-de-pinho, ela viu pela primeira vez - e jamais esqueceria! - um luar maravilhoso, de fazer brilhar olhos sem motivo algum.